

## INTRODUÇÃO

“Se a terra tiver de perder a maior parte de sua beleza pelos danos provocados por um crescimento ilimitado da riqueza e da população [...], então, pelo bem da posteridade, desejo sinceramente que nos contentemos em ficar onde estamos nas condições atuais, antes que sejamos obrigados a fazê-lo por necessidade.”

John Stuart MILL<sup>1</sup>

Há perguntas demais neste mundo aqui de baixo, nos diz Woody Allen: de onde viemos? para onde vamos? e o que vamos comer hoje à noite? Se, para dois terços da humanidade, a terceira questão é a mais importante, para nós, do Norte, os empanzinados do hiperconsumo, ela não é uma preocupação. Consumimos carne demais, gordura demais, açúcar demais, sal demais. O que nos assombra é antes o sobrepeso. Corremos o risco de sofrer de diabetes, cirrose do fígado, colesterol e obesidade<sup>2</sup>. Estaríamos melhor se fizéssemos dieta. Esquecemos as duas outras perguntas que, menos

1. *Principi di economia politica*, Turim, Utet, 1979, pp. 748-51.

2. Sessenta por cento da população dos Estados Unidos, 30% da Europa e 20% das crianças na França (fonte: Dominique Belhomme, *Avant qu'il ne soit trop tard*, Paris, Fayard, 2007, p. 138).

## Pequeno tratado do decrescimento sereno

urgentes, são contudo mais importantes. Lembremos que os objetivos que a “comunidade” internacional propôs na aurora do terceiro milênio para 2015 visam a saúde para todos e a erradicação da pobreza, e isso bem antes da luta contra as poluições.

Para onde vamos? De cara contra o muro. Estamos a bordo de um bólido sem piloto, sem marcha a ré e sem freio, que vai se arrebentar contra os limites do planeta.

Na verdade, estamos totalmente a par da situação. Desde *Silent Spring* [primavera silenciosa], de Rachel Carson (1962), um número suficiente de vozes autorizadas se fizeram ouvir para que não possamos alegar que não sabíamos. O famoso relatório do Clube de Roma, “Os limites do crescimento” (1972), nos preveniu que a busca indefinida do crescimento era incompatível com os “fundamentos” do planeta<sup>3</sup>. Todos os dias ou quase todos os dias, novos relatórios aterradores, provenientes dos mais diversos horizontes, confirmam esse diagnóstico de bom senso. Assim, depois da declaração de Wingspread (1991)<sup>4</sup>, do Chamado de Paris de (2003)<sup>5</sup>, do Millennium Assessment

3. O Clube de Roma produziu em seguida, tendo sempre Dennis Meadows como organizador: “Beyond the Limits to Growth – an Update”, Boston Chelsea Green, 1992, e “Limits to Growth: the 30-year Update”, mesmo editor, 2004.

4. Declaração de vinte e dois biólogos, a maioria deles americanos, denunciando os perigos dos produtos químicos.

5. Declaração internacional, lançada por instigação do professor Belpomme, para alertar sobre os perigos sanitários provocados pelo crescimento econômico.

## Introdução

Report<sup>6</sup>, foram redigidos os do Grupo Intergovernamental de Especialistas sobre a Evolução do Clima (GIEC\*), os das ONG especializadas (WWF, Greenpeace, Friends of the Earth [Amigos da Terra], Worldwatch Institute etc.), mas também os relatórios, semissecretos, do Pentágono, outros, mais confidenciais, da Fundação Bilderberg, o relatório de Nicolas Stern para o governo britânico etc., sem falar dos chamados lançados pelo presidente Chirac em Johannesburgo ou por Nicolas Hulot na campanha presidencial de 2007, passando pelo ex-vice-presidente americano Al Gore...

Mas, com a nossa refeição desta noite garantida, não queremos escutar nada. Ocultamos, em particular, a questão de saber de onde viemos: de uma sociedade de crescimento – ou seja, de uma sociedade fagocitada por uma economia cuja única finalidade é o crescimento pelo crescimento. É significativa a ausência de uma verdadeira crítica da sociedade de crescimento na maioria dos discursos *ambientalistas*, que só fazem enrolar nas suas colocações sinuosas sobre o desenvolvimento sus-

6. Millennium Assessment Report, “*Living Beyond Our Means: Natural Assets and Human Well-Being*” (<http://www.millenniumassessment.org>). Trata-se de um relatório das Nações Unidas baseado nos trabalhos de 1360 especialistas de 95 países, publicado em Tóquio em 30 de março de 2005, que demonstra que a atividade humana abusa das capacidades de regeneração dos ecossistemas a ponto de comprometer os objetivos econômicos, sociais e sanitários fixados pela comunidade internacional para 2015.

\* *Intergovernmental Panel on Climate Change (IPCC)* (N. da T.).

## Pequeno tratado do decrescimento sereno

tentável<sup>7</sup>. Denunciar o “frenesi das atividades humanas” ou o desgoverno do motor do progresso não supre a ausência de análise da megamáquina tecnoeconômica capitalista e mercantil, da qual talvez sejamos de fato as engrenagens cúmplices, mas com certeza não as molas propulsoras. Esse sistema baseado na desmedida nos conduz ao impasse. É uma esquizofrenia que coloca o teórico diante de uma situação paradoxal: ele tem simultaneamente a impressão de chover no molhado e a sensação de pregar no deserto. Dizer que um crescimento infinito é incompatível com um mundo finito e que tanto nossas produções como nossos consumos não podem ultrapassar as capacidades de regeneração da biosfera são evidências facilmente compartilháveis. Em compensação, são muito menos bem-aceitas as consequências incontáveis de que essas mesmas produções e esses mesmos consumos devem ser reduzidos (em cerca de dois terços no caso da França), e que a lógica do crescimento sistemático e irrestrito (cujo núcleo é a compulsão e a adição ao crescimento do capital financeiro) deve portanto ser questionada, bem como nosso modo de vida. Quanto à designação dos principais responsáveis, ela parece francamente blasfematória.

Embora a torrente esteja saindo de seu leito e ameaçando devastar tudo, a necessidade de uma

7. Ver Nicolas Hulot, *Pour un pacte écologique*, Paris, Calmann-Lévy, 2006.

## Introdução

decrescença, ou seja, a própria ideia de decrescimento, pega mal. Contudo, sua aceitação é indispensável se quisermos sair do torpor que nos impede de agir. Convém, portanto, avaliar seu alcance (I), propor uma alternativa para o delírio da sociedade de crescimento, a utopia concreta do decrescimento (II), e, por fim, especificar os meios de sua realização (III).